

NOTA DE LEITURA

DAVID, Jean-Michel. *La romanisation de l'Italie*.

Paris: Flammarion, 1997. 258 p.

Pedro Paulo A. Funari*

Jean-Michel David, professor de História Romana da Universidade de Paris I, apresenta um estudo sobre como, em alguns poucos séculos, etruscos, samnitas, púnicos, gauleses e gregos, habitantes da península itálica, teriam se romanizado, em um processo que define como aculturação e que teria feito com que todos esses povos usassem a toga e falassem o latim. O autor almeja, pois “um análise um pouco aprofundada das condições sociológicas concretas que, da Segunda Guerra Púnica ao fim do reino de Augusto, conduziram as populações da Itália a perderem suas múltiplas identidades para se tornarem uma comunidade, no essencial, unificada de cidadãos romanos” (p.8). A partir destes pressupostos, David sugere que há que se buscar os agentes deste processo de romanização nas aristocracias, nas elites que controlavam os destinos das comunidades italianas. Para que pudessem adotar a identidade romana e serem reconhecidos, deviam abandonar sua identidade original, só possível em um quadro de perda de legitimidade dos quadros locais de vida social. David ressalta que a Itália transformou-se em um conjunto homogêneo de cidadãos que pertenciam a uma mesma estrutura política e que compartilhavam os mesmos traços culturais. Houve, pois, nesse processo, uma crise de identidade (p.12), efetivado pela aristocracia romana, que controlava, o quanto podia, a incorporação na cidadania romana e a promoção da hierarquia cívica. Apropriando-se dos modelos helenísticos, por seu exemplo e por suas normas, que por

*. Professor do Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

vezes impunha, a aristocracia atraía e unificava os sistemas de valores e comportamentos.

Este programa interpretativo, apresentado logo na Introdução (7-14), permeia toda a obra, privilegiando um modelo normativo de cultura, no qual se reserva à elite o papel principal e se enfatiza a homogeneidade, em detrimento da diversidade cultural. O primeiro capítulo descreve os povos da Itália, de norte a sul, sempre a partir de um ponto de vista culturalista, no qual estão no topo os gregos e a cultura helênica, recorrendo, constantemente, a termos como “atraso” e “ação civilizadora” e concluindo que foi a helenização a ter permitido a unificação cultural da Itália. O capítulo segundo, sobre “Roma, a Itália e o Helenismo”, procura demonstrar o papel central do patronato das elites na propagação da cultura romana, na medida em que o alargamento da dominação romana acompanhava-se, necessariamente, do aumento das redes de clientela. Em seguida, “Aníbal na Itália e as consequências da Segunda Guerra Púnica” trata da guerra na Itália, sempre a partir das fontes literárias, em particular das modificações étnicas na Península, como é o caso do desaparecimento das populações gaulesas na Cisalpina. Conclui que a campanha de Aníbal revelou-se um episódio decisivo na condução da Itália à unificação e à romanização.

O capítulo quarto, “A Transformações da Economia Italiana”, continua a utilizar-se da tradição textual para demonstrar que a repartição dos benefícios da expansão militar foi muito desigual, favorecendo os membros da hierarquia cívica, os publicanos, beneficiários diretos da concentração de capitais e os equestres, impedidos pelas normas aristocráticas de se tornarem capitalistas mercantis. David avalia os movimentos populacionais, sempre segundo os autores antigos e, subsidiariamente, com o apoio de inscrições. Ressalta a importância do dinamismo comercial e das redes de homens de negócios para o processo de unificação, bem como as transformações do artesanato e da agricultura. Dedicar o capítulo seguinte às aristocracias municipais italianas, utilizando-se, ainda que de forma marginal, de evidências materiais. A helenização dos gostos apresenta-se como resultado de uma imitação da alta vida dos reinos helenísticos, assim como as liberalidades aparecem como “evergetismo”, ainda que não se mencione as formulações de Veyne, a respeito.

O capítulo sexto, “Os mecanismos da unificação”, trata da importância da retórica e filosofia helênicas na aculturação da elite romana e do papel central das relações de compadrio (patronat),

constituindo, assim, potentes mecanismos de romanização da península. A aculturação, no entanto, não teria sido homogênea, pois afetara, de forma muito mais intensa e direta, as elites e, com atraso, o restante da população. Em “a necessidade da integração”, David discorre sobre a Guerra Social, cujo resultado foi, seguindo uma passagem célebre de Cícero (De leg., II,5), o surgimento de duas pátrias, a cidade de origem e Roma. O último capítulo, sobre as Guerras Civis, enfatiza a importância dos laços de clientela, em geral, e a profissionalização do exército, em particular, como manifestações da romanização que levaram aos conflitos intestinos. As grandes distribuições de terra acabaram por unificar a paisagem social, étnica e cultural da Itália, destacando-se os novos potentados locais resultantes das guerras. No final desse processo, “a Itália peninsular, tornada um território unificado, não conservava de sua antiga heterogeneidade senão as identidades locais, sem dúvida ainda preservadas piedosamente, mas que se extinguíam lentamente, sob o sentimento, agora compartilhado por todos, de pertencer à comunidade dos senhores do império” (p.221). Por fim, as conclusões ressaltam a homogeneidade resultante do processo de expansão romana e o volume conclui com a constatação que somos os herdeiros dessa romanidade.

O livro de David contenta-se, em grande parte, com uma bibliografia bastante antiga, prestando pouca atenção a estudos mais recentes, em especial em inglês, que poderiam fornecer elementos que tornariam o quadro mais complexo. Utiliza-se, além disso, predominantemente dos autores antigos, para construir seu discurso, relegando as evidências epigráficas e arqueológicas a um papel marginal, o que contraria a importância que os estudos de caso têm adquirido nos últimos anos. Esta pouca preocupação com a complexidade do processo cultural na Itália republicana encobre, na verdade, uma visão culturalista e teleológica, que adota uma cultura helênica de elite idealizada como parâmetro, daí resultando uma marcha inexorável de aculturação. A adoção de uma cultura considerada superior, este o modelo adotado por David, que não se importa com a crescente literatura crítica do uso de conceitos como “superioridade” cultural helênica e, por conseguinte, romana. A grande quantidade de acontecimentos históricos citados pelo autor formam, assim, um quadro evolucionista, rumo à unidade itálica, sob a égide da cultura grega. O próprio termo aculturação estaria a merecer uma definição menos rígida e tradicional, pois, de outra forma, a romanização torna-se antes um *maître-mot* que um conceito analítico convincente. De toda forma, a obra de David representa bem uma

tradição clássica no estudo da História Antiga e, só por isso, já estaria a merecer uma leitura atenta.